

Nota Técnica

COMPORTAMENTO PRODUTIVO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA NO TERCEIRO TRIMESTRE DE 2016

Luiz Dias Bahia
Alexandre Messa Peixoto da Silva

Nº 33

Brasília, novembro de 2016.



Governo Federal
Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Ministro interino Dyogo Henrique de Oliveira

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Ernesto Lozardo

Diretor de Desenvolvimento Institucional, Substituto

Carlos Roberto Paiva da Silva

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

João Alberto De Negri

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

Claudio Hamilton Matos dos Santos

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Alexandre Xavier Ywata de Carvalho

Diretora de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura

Fernanda De Negri

Diretora de Estudos e Políticas Sociais

Lenita Maria Turchi

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Sérgio Augusto de Abreu e Lima Florêncio Sobrinho

Chefe de Gabinete

Márcio Simão

Assessora-chefe de Imprensa e Comunicação

Regina Alvarez

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão

COMPORTAMENTO PRODUTIVO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA NO TERCEIRO TRIMESTRE DE 2016

Luiz Dias Bahia¹
Alexandre Messa Peixoto da Silva¹

1. INTRODUÇÃO

A Indústria Geral no Brasil apresentou no terceiro trimestre de 2016 um recuo no avanço produtivo antes esboçado. Abaixo apresentamos o desempenho no ano.

Tabela 1			
Indústria Geral – Brasil			
Variação de Produção Física 2015-2016 (%)			
TRIM D	TRIM I	TRIM II	TRIM III
-3,69	-1,93	1,10	-1,09
TRIM D = variação de Produção Física do quarto trimestre de 2015 em relação ao terceiro de 2015			
TRIM I = variação de Produção Física do primeiro trimestre de 2016 em relação ao quarto de 2015			
TRIM II = variação de Produção Física do segundo trimestre de 2016 em relação ao primeiro de 2016			
TRIM III = variação de Produção Física do terceiro trimestre de 2016 em relação ao segundo de 2016			
Ajuste sazonal feito pelo IBGE.			
Fonte: PIM-PF			

Notamos que há uma nítida tendência de desaceleração da retração produtiva de 2015 no ano de 2016. Entretanto, o desempenho de retração no terceiro trimestre de 2016 surpreende, frente ao avanço do segundo trimestre.

A análise setorial dessa retração (que pode lançar luz sobre sua persistência), além da busca de suas causas mais imediatas são os objetivos desta Nota Técnica.

O trabalho se organiza da seguinte maneira: a seguir apresentamos os principais determinantes da produção no nível da demanda; depois, descrevemos detalhadamente o comportamento produtivo, por subsetores de cada complexo industrial²; finalmente, concluímos.

¹ Técnico de Planejamento e Pesquisa do Ipea na Diset.

² A definição teórica de complexos industriais poderá ser encontrada em: Haguenaer et al. **Evolução das Cadeias Produtivas Brasileiras na década de 90**. Brasília: IPEA, 2001. (Texto para Discussão n. 786)

2. O COMPORTAMENTO DA DEMANDA

Apresentamos o comportamento do varejo primeiro, e depois o do comércio exterior.

2.1 COMPORTAMENTO DO VAREJO

Na Tabela 2 abaixo, apresentamos o desempenho do varejo no Brasil durante 2016.

Tabela 2
Brasil – Variação de Vendas no Varejo (%)

Segmentos	TRIM I	TRIM II	TRIM III
Total	-3,14	-0,48	-1,66
Combustíveis e lubrificantes	-2,75	-1,12	-2,19
Hipermercados e supermercados	-1,87	0,38	-0,50
Tecidos, vestuário e calçados	-5,32	0,75	-5,50
Móveis e eletrodomésticos	-5,95	-2,07	-3,67
Artigos farmacêuticos, de perf. e cosméticos	0,10	-3,21	-2,10
Livros, jornais, revistas e papelaria	-5,20	-6,96	-2,95
Equip. para esc., informática e comunicação	0,07	-6,77	-1,41
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-5,78	-0,77	-2,22
Veículos, motos, partes e peças	-0,44	-7,24	-4,43
Materiais de construção	-2,14	-3,04	-1,83

TRIM I = variação de Vendas do primeiro trimestre de 2016 em relação ao quarto de 2015

TRIM II = variação de Vendas do segundo trimestre de 2016 em relação ao primeiro de 2016

TRIM III = variação de Vendas do terceiro trimestre de 2016 em relação ao segundo de 2016

Ajuste sazonal feito pelo IBGE.

Fonte: PMC – IBGE.

Notamos primeiramente que o Varejo Total vem apresentando progressivas e menores retrações de vendas ao longo de 2016. Esse resultado é ainda mais significativo se observarmos que as vendas de *veículos* se retraiu bastante nos segundo e terceiro trimestres, tendo esse item bastante peso no Varejo Total.

No item de *supermercados* temos praticamente uma manutenção do nível de vendas nos dois últimos trimestres, frente ao recuo no primeiro. Os ramos com maiores retrações no último trimestre são: *tecidos, vestuário e calçados; móveis e eletrodomésticos; veículos*. Estes últimos são ramos em que a demanda interna claramente não tem ajudado a expansão produtiva. Entretanto, nos demais ramos, apesar de o quadro ainda ser de retração de vendas, pode-se afirmar que tal retração não se intensificou em 2016 e mais recentemente, antes mantendo uma velocidade quase constante ou levemente cadente.

Como conclusão geral, podemos dizer que a demanda interna, apesar de não ter contribuído expressivamente para a expansão desempenho da indústria, também não agravou a intensidade da mesma.

2.2 COMPORTAMENTO DO COMÉRCIO EXTERIOR

Apresentaremos o comportamento das exportações e importações de setores relevantes da indústria brasileira. Os dados serão apresentados em *quantidades*, uma vez que essas são as que influenciam no nível de produção física da indústria, apesar de não necessariamente em seu saldo comercial em US\$, que nos interessa menos aqui.

a) Exportações

Na Tabela 3 abaixo apresentamos o comportamento das exportações de setores da indústria brasileira em 2016.

Tabela 3
Varição de Exportações em quantidades da Indústria Brasileira (%) - 2016

Setores	TRIM I	TRIM II	TRIM III
Agropecuária	1,20	-18,70	-27,45
Alimentos	8,71	-2,12	-5,59
Bebidas	10,12	-23,22	16,55
Borracha e Plástico	2,84	-5,83	-0,94
Celulose e Papel	5,64	-1,46	4,21
Couro e Calçados	1,01	-2,49	-3,19
Derivados de Petróleo	9,29	-1,17	-29,73
Eletrônicos	-0,65	-4,85	1,90
Fármacos	-0,43	6,74	-9,00
Produtos de Madeira	13,20	2,78	9,24
Máquinas Elétricas	-7,38	-0,69	-7,36
Máquinas e Equipamentos	13,17	-1,83	-7,09
Metalurgia	4,05	3,79	-8,27
Produtos de Minerais não Metálicos	5,14	2,19	-8,64
Produtos de Metal	1,49	4,33	-1,08
Químicos	9,48	1,82	-2,66
Têxteis	16,65	-20,97	-14,78
Veículos Automotores	7,64	2,27	-3,74
Vestuário	-3,81	0,38	7,76

TRIM I = variação de Exportações do primeiro trimestre de 2016 em relação ao quarto de 2015

TRIM II = variação de Exportações do segundo trimestre de 2016 em relação ao primeiro de 2016

TRIM III = variação de Exportações do terceiro trimestre de 2016 em relação ao segundo de 2016

Ajuste sazonal feito pelos autores no EViews 6.0

Fonte: Funcex - IPEADATA

Na Tabela 3, nota-se claramente que os setores industriais com crescimento de quantidade exportada do primeiro para o terceiro trimestre de 2016 caíram drasticamente, ou seja, são eles maioria no primeiro trimestre, reduzem-se a cerca de 50% dos setores no segundo trimestre e, no último, são exceções. Tal modificação em prazo tão curto (menos de um ano) pode estar relacionada à valorização do câmbio, ou a contratos predominantemente de curto prazo, pouco sustentados em acordos comerciais de prazo maior. O câmbio nominal valorizou-se cerca de 9% entre abril e setembro de 2016. Se considerarmos como deflatores o IPA dos EUA e o IPA do Brasil para indústria, chegaríamos a uma valorização cambial real de 8,73% entre abril e setembro de 2016. Trata-se de uma valorização não muito expressiva. Entretanto, em prazo tão curto seria de esperar alguma queda de exportação em quantidade, mas não tão significativa e generalizada como a que ocorreu no Brasil; o que nos leva a suspeitar que os contratos de exportação vigentes hoje do Brasil com o exterior são em geral de curto prazo (ou sujeitos a elevada sazonalidade), baseando-se pouco em acordos internacionais de maior extensão temporal. Tais questões fogem ao escopo desta Nota Técnica deslindar. Entretanto, o efeito do comércio exterior na produção física interna da indústria é inegável, ainda mais com o comportamento do varejo acima descrito.

b) Importações

Na Tabela 4 abaixo, mostramos o comportamento das importações em quantidade nos três primeiros trimestres de 2016.

Tabela 4
Varição de Importações em quantidades da Indústria Brasileira (%) - 2016

Setores	TRIM I	TRIM II	TRIM III
Agropecuária	12,32	8,72	19,86
Alimentos	10,09	13,04	1,92
Bebidas	-11,65	-4,02	38,78
Borracha e Plástico	-0,67	-2,31	-2,22
Celulose e Papel	-4,51	-3,79	1,57
Couro e Calçados	-9,89	-6,69	8,94
Derivados de Petróleo	-11,78	19,70	35,05
Eletrônicos	-2,33	8,30	3,63
Fármacos	18,88	-10,86	3,29
Produtos de Madeira	1,92	-21,67	2,14
Máquinas Elétricas	-7,37	17,24	-7,10
Máquinas e Equipamentos	3,47	26,75	-23,66
Produtos de Minerais não Metálicos	1,00	-7,34	6,22
Químicos	3,49	5,86	-0,04
Têxteis	2,38	9,80	17,53
Veículos Automotores	-4,18	0,24	0,62
Vestuário	-24,11	-6,75	-20,07

TRIM I = variação de Importações do primeiro trimestre de 2016 em relação ao quarto de 2015

TRIM II = variação de Importações do segundo trimestre de 2016 em relação ao primeiro de 2016

TRIM III = variação de Importações do terceiro trimestre de 2016 em relação ao segundo de 2016

Ajuste sazonal feito pelos autores no EViews 6.0

Fonte: Funcex - IPEADATA

O número de setores que apresentaram variação trimestral positiva de importações forma um quadro exatamente oposto ao apresentado para as exportações: eles aumentaram, tornando-se maioria no terceiro trimestre. Se tal movimento se deve à valorização cambial ou à natureza dos atuais acordos internacionais no Brasil com o exterior, trata-se de algo além do escopo de esclarecimento desta Nota Técnica. Entretanto, também é inegável que tal movimento tem impacto negativo sobre a produção física interna da indústria brasileira.

No terceiro trimestre, entretanto, o valor negativo de variação de *vestuário* é benéfico, pois ajuda a estimular a produção têxtil, apesar de *têxtil* ter aumentado muito as importações, o que certamente reflete na produção interna do complexo têxtil. Devemos notar ainda dois efeitos perversos das importações: suas quedas no terceiro trimestre em *máquinas elétricas*, e *máquinas e equipamentos* sinalizam menor FBCF interna no Brasil durante o terceiro trimestre, o que certamente não se deve a questões de câmbio apenas.

3. PRODUÇÃO FÍSICA

Abaixo mostramos a evolução da Produção Física dos subsetores da indústria brasileira, organizada por complexos industriais.

3.1 COMPLEXO METALOMECÂNICO

Na Tabela 5 abaixo, apresentamos a evolução da Produção Física de subsetores do complexo metalomecânico nos trimestres de 2016.

O primeiro aspecto a notar é que o segundo trimestre foi o de maior número de subsetores com crescimento, enquanto o primeiro foi o de menos disseminação de crescimento produtivo. No terceiro trimestre, há bem menos setores com crescimento produtivo que no imediatamente anterior; entretanto, mesmo assim, no terceiro trimestre temos um número maior de subsetores com crescimento que no primeiro.

Outro aspecto muito relevante é que no terceiro trimestre a base metalúrgica do complexo apresentou um número maior de subsetores em crescimento que nos dois trimestres anteriores. Isso sugere um vigor maior de crescimento desse complexo, não sendo uma reação à exportação, pois esta nos setores de *produtos de metal* não apresentou crescimento significativo no terceiro trimestre.

Tabela 5
Complexo Metalomecânico
Variação de Produção Física em 2016 (%)

Setores	TRIM I	TRIM II	TRIM III
Produção de ferro-gusa e de ferroligas	1,29	-1,43	19,82
Siderurgia	-1,24	-0,40	9,81
Produção de tubos de aço, exceto tubos sem costura	-18,21	-3,90	-4,34
Metalurgia dos metais não-ferrosos	5,08	-1,41	-3,54
Fundição	-5,17	0,47	6,86
Fabricação de estruturas metálicas e obras de caldeiraria pesada	-3,48	-13,93	-0,55
Fabricação de tanques, reservatórios metálicos e caldeiras	-6,99	5,45	-2,86
Forjaria, estamparia, metalurgia do pó e serviços de tratamento de metais	5,81	-7,02	11,61
Fabricação de artigos de cutelaria, de serralheria e ferramentas	4,83	-0,55	-1,81
Fabricação de equipamento bélico	2,77	-2,04	1,95
Fabricação de embalagens metálicas	-1,27	2,36	0,69
Fabricação de produtos de trefilados de metal	-1,27	2,36	0,69
Fabricação de componentes eletrônicos	-13,86	7,20	6,64
Fabricação de equipamentos de informática e periféricos	-13,01	2,02	-8,63
Fabricação de equipamentos de comunicação	7,01	6,83	-5,55
Fabricação de aparelhos de áudio e vídeo	-9,78	11,70	10,85
Fabricação de aparelhos de medida, teste e controle; cronômetros e relógios	-5,18	5,78	-4,42
Fabricação de geradores, transformadores e motores elétricos	-2,99	10,30	-6,49
Fabricação de pilhas, baterias e acumuladores elétricos	21,07	4,52	-7,24
Fabricação de equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica	5,05	3,12	-0,57
Fabricação de lâmpadas e outros equipamentos de iluminação	1,24	-6,67	1,66
Fabricação de eletrodomésticos	-4,45	13,62	-3,29
Fabricação de fogões, refrigeradores e máquinas de lavar e secar	-5,86	21,08	-10,87
Fabricação de aparelhos eletrodomésticos não especificados anteriormente	-2,86	1,62	11,26
Fabricação de equip. elétricos não especificados antes	12,83	4,45	9,68
Fabricação de motores, bombas, compressores e equipamentos de transmissão	-13,49	12,17	-6,59
Fabricação de máquinas e equipamentos de uso geral	-12,37	6,79	-0,36

Fabricação de tratores e de máq. e equip. para a agropecuária	-7,38	28,11	2,84
Fabricação de máquinas-ferramenta	-10,03	17,05	0,26
Fabricação de máq. e equip. de uso na extração mineral e na construção	20,71	-29,21	-19,65
Fabricação de máq. e equip. de uso industrial específico	2,32	9,80	7,75
Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários	-1,01	2,39	2,02
Fabricação de caminhões e ônibus	3,37	12,22	-8,60
Fabricação de cabines, carrocerias e reboques para veículos automotores	-9,66	21,65	-13,37
Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores	0,20	-0,63	2,37
Fabricação de instrumentos para uso médico, odontológico e óptico	1,41	-6,96	-3,74

TRIM I = variação de Produção Física do primeiro trimestre de 2016 em relação ao quarto trimestre de 2015

TRIM II = variação de Produção Física do segundo trimestre de 2016 em relação ao primeiro trimestre de 2016

TRIM III = VARIAÇÃO DA Produção Física do terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre de 2016.

Dados com ajuste sazonal feito pelos autores no EViews 6.0.

Fonte: PIM-PF IBGE

Entre os bens duráveis de consumo, notamos que os eletrodomésticos perderam em crescimento produtivo, mas não veículos automotores. O primeiro movimento sugere retração do mercado interno, enquanto o último surpreende, pois, apesar de o mercado interno se retrair, está se beneficiando de contratos de exportação de prazo mais longo e da queda de suas importações.

Entre os bens de capital, há um movimento de retração moderada, praticamente uma manutenção de atividade, apesar de as exportações terem se arrefecido, e as importações caído (apenas no terceiro trimestre) –, o que sugere praticamente uma manutenção ou leve avanço da FBCF. Nota-se especialmente a queda de produção de bens de capital para construção e infraestrutura (típica do momento atual); e o avanço expressivo de bens de capital para agricultura junto a máquinas-ferramenta. Estes dois últimos movimentos sugerem interpretações distintas. O primeiro se deve à formação de capital fixo na agropecuária já quase constante ao longo dos anos. O segundo pode estar sinalizando alguma reestruturação de processo produtivo na indústria, apesar dessa conclusão ser ainda prematura.

O complexo metalomecânico é de longe o mais ativo na reação produtiva de 2016, constituindo-se hoje o motor principal dela.

Na Tabela 6 abaixo, apresentamos o comportamento produtivo mensal do complexo metalomecânico no terceiro trimestre.

Notamos que o mês de agosto concentrou praticamente todo esforço produtivo do complexo. Dessa maneira, podemos dizer que a capacidade de reação à retração produtiva desse complexo, que incorpora o principal motor da reação, ainda é descontínua, provavelmente pautada por razoável aversão à acumulação de estoques, ou encomendas para o final de ano (no caso dos bens duráveis de consumo) ainda recalitrantes, apesar de já com alguma expressão.

Do ponto de vista setorial, a produção de agosto se concentrou na base metalúrgica (que indica não apenas o consumo imediato, mas pelo menos a formação de mais estoques para consumo no futuro de curto prazo) e nos bens duráveis de consumo, principalmente eletrodomésticos e eletrônicos (provavelmente já visando vendas de final de ano).

Tal descontinuidade mensal pode ser atribuída a dois fatores: por um lado, a reação ainda pouco firme do varejo; e por outro lado, a queda de momento de crescimento das exportações do complexo, como descrevemos antes.

Tabela 6
Complexo Metalomecânico
Variação de Produção Física em 2016 (%)

Setores	JUL	AGO	SET
Produção de ferro-gusa e de ferroligas	15,56	-9,68	12,05
Siderurgia	2,45	1,01	0,30
Produção de tubos de aço, exceto tubos sem costura	-1,49	-1,18	-2,95
Metalurgia dos metais não-ferrosos	-2,41	-4,00	-5,26
Fundição	-2,97	16,09	-10,41
Fabricação de estruturas metálicas e obras de caldeiraria pesada	-3,97	8,22	-0,26
Fabricação de tanques, reservatórios metálicos e caldeiras	-3,53	2,52	-17,51
Forjaria, estamparia, metalurgia do pó e serviços de tratamento de metais	4,34	2,99	-1,52
Fabricação de artigos de cutelaria, de serralheria e ferramentas	-10,52	12,92	-5,24
Fabricação de equipamento bélico	-1,97	5,67	-5,94
Fabricação de embalagens metálicas	-6,85	8,68	-1,62
Fabricação de produtos de trefilados de metal	-6,85	8,68	-1,62
Fabricação de componentes eletrônicos	0,97	-4,53	4,23
Fabricação de equipamentos de informática e periféricos	-16,40	1,94	-2,10
Fabricação de equipamentos de comunicação	-8,84	-2,48	0,95
Fabricação de aparelhos de áudio e vídeo	1,54	14,95	-2,78
Fabricação de aparelhos de medida, teste e controle; cronômetros e relógios	-8,59	7,11	-4,74
Fabricação de geradores, transformadores e motores elétricos	-6,92	-4,00	-12,29
Fabricação de pilhas, baterias e acumuladores elétricos	-3,39	5,56	-9,09
Fabricação de equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica	-3,96	5,73	-5,95
Fabricação de lâmpadas e outros equipamentos de iluminação	-5,23	13,86	-14,50
Fabricação de eletrodomésticos	-6,39	4,75	-12,72
Fabricação de fogões, refrigeradores e máquinas de lavar e secar	-15,90	5,27	-17,22
Fabricação de aparelhos eletrodomésticos não especificados anteriormente	1,83	13,82	-8,60
Fabricação de equip. elétricos não especificados antes	5,75	19,74	-2,09
Fabricação de motores, bombas, compressores e equip. e transmissão	-5,54	0,29	-5,63
Fabricação de máquinas e equipamentos de uso geral	-13,45	19,01	-5,71
Fabricação de tratores e de máq. e equip. para a agropecuária	-16,78	12,93	-4,59
Fabricação de máquinas-ferramenta	0,21	-4,32	-0,60
Fabricação de máq. e equip. de uso na extração mineral e na construção	-4,51	-2,68	-5,59
Fabricação de máq. e equip. de uso industrial específico	-3,84	27,71	-17,75
Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários	-5,22	-6,26	8,45
Fabricação de caminhões e ônibus	-15,65	7,50	-7,70
Fabricação de cabines, carrocerias e reboques para veículos automotores	-11,60	0,74	-18,33
Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores	-2,18	2,35	1,29
Fabricação de instrumentos para uso médico, odontológico e óptico	-5,22	0,64	-2,65

JUL = variação de Produção Física em julho de 2016 em relação a junho de 2016.

AGO = variação de Produção Física em agosto de 2016 em relação a julho de 2016.

SET= variação de Produção Física em setembro de 2016 em relação a agosto de 2016.

Dados com ajuste sazonal feito pelos autores no EViews 6.0.

Fonte: PIM-PF IBGE

3.2 COMPLEXO QUÍMICO

Na Tabela 7 abaixo, apresentamos o comportamento produtivo trimestral do complexo químico.

Tabela 7
Complexo Químico
Variação de Produção Física em 2016 (%)

Setores	TRIM I	TRIM II	TRIM III
Fabricação de produtos derivados do petróleo	1,96	-6,68	-2,67
Fabricação de biocombustíveis	14,32	-11,86	-13,69
Fabricação de produtos químicos inorgânicos	5,30	-6,86	4,23
Fabricação de cloro e álcalis	0,29	-11,10	0,83
Fabricação de intermediários para fertilizantes	-0,58	4,72	0,53
Fabricação de adubos e fertilizantes	12,10	-16,77	6,42
Fabricação de gases industriais	2,81	-1,62	3,08
Fabricação de produtos químicos orgânicos	4,06	-0,53	2,05
Fabricação de resinas e elastômeros e de fibras artificiais e sintéticas	3,25	3,27	1,47
Fabricação de defensivos agrícolas e desinfestantes domissanitários	-6,33	10,86	-0,84
Fabricação de produtos de limpeza, de perfumaria e de higiene pessoal	-0,76	4,63	-1,54
Fabricação de sabões e detergentes sintéticos	2,61	3,16	-1,79
Fabricação de produtos de limpeza e polimento	-1,19	-0,39	-5,57
Fabricação de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	-5,06	7,82	1,30
Fabricação de tintas, vernizes, esmaltes, lacas e produtos afins	-3,90	-0,06	-2,23
Fabricação de produtos e preparados químicos diversos	10,60	2,84	-3,86
Fabricação de produtos de borracha	-1,41	2,38	4,46
Fabricação de pneumáticos e de câmaras-de-ar	-1,51	3,60	5,07
Fabricação de produtos de material plástico	-5,06	3,14	0,78
Fabricação de laminados planos e tubulares de material plástico	-1,46	-0,19	3,92
Fabricação de embalagens de material plástico	-7,66	3,79	-1,84
Reprodução de materiais gravados em qualquer suporte	10,47	0,48	3,90

TRIM I = variação de Produção Física do primeiro trimestre de 2016 em relação ao quarto trimestre de 2015

TRIM II = variação de Produção Física do segundo trimestre de 2016 em relação ao primeiro trimestre de 2016

TRIM III = VARIAÇÃO DA Produção Física do terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre de 2016.

Dados com ajuste sazonal feito pelos autores no EViews 6.0.

Fonte: PIM-PF IBGE

Nota-se na Tabela acima que o complexo químico vem mantendo em 2016 um número relativamente estável e até crescente, ao longo dos trimestres, de subsetores com crescimento trimestral de produção física. A base do complexo, quanto à fabricação de combustíveis, contrasta desse quadro, porque apresenta crescimento apenas no primeiro trimestre, movimento este que nos parece coerente com o movimento do varejo de combustíveis, além de sua exportação (cadente) e importação (crescente). Entretanto, a base petroquímica (primeira e segunda gerações) manteve-se em crescimento, mesmo que modesto, durante todos os trimestres. A terceira geração (borracha e plásticos) apresentou crescimento nos dois últimos trimestres, movimento que se pode explicar mais pelo desempenho produtivo do complexo metalomecânico e pela queda das importações, e não pelas exportações, que declinaram.

No terceiro trimestre, os avanços produtivos se concentraram nas três gerações petroquímicas e em insumos ao plantio agrícola.

Trata-se de um complexo em crescimento produtivo, apesar de modesto e rarefeito ao longo de seus subsetores. Como ele cumpre basicamente o papel de fornecimento de insumos a outras atividades, salvo poucas exceções, seu desempenho em 2016 indica que há um quadro de atividade industrial sendo mantido ao longo do ano.

Abaixo, apresentamos a Tabela 8, sobre o comportamento mensal do complexo químico no terceiro trimestre.

Tabela 8
Complexo Químico
Varição de Produção Física em 2016 (%)

Setores	JUL	AGO	SET
Fabricação de produtos derivados do petróleo	-2,27	0,98	-0,13
Fabricação de biocombustíveis	17,48	-16,13	6,98
Fabricação de produtos químicos inorgânicos	-2,44	2,81	-0,73
Fabricação de cloro e álcalis	-11,30	-0,71	4,31
Fabricação de intermediários para fertilizantes	-4,97	3,50	2,00
Fabricação de adubos e fertilizantes	-4,26	3,56	0,12
Fabricação de gases industriais	0,97	3,94	-6,07
Fabricação de produtos químicos orgânicos	-2,45	-0,74	5,52
Fabricação de resinas e elastômeros e de fibras artificiais e sintéticas	-0,23	-2,05	1,44
Fabricação de defensivos agrícolas e desinfestantes domissanitários	-6,26	-0,09	-8,52
Fabricação de produtos de limpeza, de perfumaria e de higiene pessoal	-6,26	1,27	-5,50
Fabricação de sabões e detergentes sintéticos	-5,17	-2,93	-1,56
Fabricação de produtos de limpeza e polimento	-3,23	3,93	-5,54
Fabricação de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	-5,43	4,72	-6,22
Fabricação de tintas, vernizes, esmaltes, lacas e produtos afins	-4,60	0,21	-0,02
Fabricação de produtos e preparados químicos diversos	-8,17	0,28	-1,31
Fabricação de produtos de borracha	0,64	1,98	-2,60
Fabricação de pneumáticos e de câmaras-de-ar	2,64	-0,20	0,09
Fabricação de produtos de material plástico	-1,88	1,38	-2,20
Fabricação de laminados planos e tubulares de material plástico	0,83	1,39	-1,48
Fabricação de embalagens de material plástico	-1,96	1,97	-2,68
Reprodução de materiais gravados em qualquer suporte	-29,73	20,37	6,87

JUL = variação de Produção Física em julho de 2016 em relação a junho de 2016.

AGO = variação de Produção Física em agosto de 2016 em relação a julho de 2016.

SET= variação de Produção Física em setembro de 2016 em relação a agosto de 2016.

Dados com ajuste sazonal feito pelos autores no EViews 6.0.

Fonte: PIM-PF IBGE

Nota-se na Tabela 8 que o mês de agosto concentrou a maioria dos movimentos de crescimento produtivo no terceiro trimestre. Entretanto, a concentração de crescimento de produção neste último mês foi bem menos acentuada que no complexo metalomecânico, pois no mês de setembro houve crescimento produtivo em um número menor que o de agosto, mas mesmo assim significativo.

Em geral, a Tabela 8 mostra que há descontinuidades mensais expressivas de crescimento produtivo nos subsetores, o que nos parece típico de uma reação produtiva dos demais complexos ainda pouco firme.

3.3 COMPLEXO AGROINDÚSTRIA

Na Tabela 9 abaixo, apresentamos o comportamento produtivo do complexo agroindústria nos três trimestres de 2016.

Tabela 9
Complexo Agroindústria
Varição de Produção Física em 2016 (%)

SETORES	TRIM I	TRIM II	TRIM III
Abate e fabricação de produtos de carne	0,06	0,77	-4,15
Abate de reses, exceto suínos	1,82	-1,98	-6,74
Abate de suínos, aves e outros pequenos animais	-1,32	2,83	-2,45
Fabricação de produtos de carne	-1,31	0,49	-1,30
Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais	20,47	2,23	-38,04
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	1,35	-3,21	-7,29
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	4,70	-5,87	-9,39
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	1,29	-1,51	-5,17
Fabricação de gorduras vegetais e de óleos de animais	-8,42	-0,02	2,25
Laticínios	-6,91	-2,02	-1,68
Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais	0,46	0,65	-3,51
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	1,00	-2,66	-5,10
Moagem de trigo e fabricação de derivados	-0,71	3,45	-3,58
Fabricação e refino de açúcar	-14,04	68,33	-18,26
Torrefação e moagem de café	8,24	-2,34	3,19
Fabricação de produtos do pescado e de outros produtos alimentícios	-1,76	1,85	-3,63
Fabricação de bebidas alcoólicas	-8,25	6,34	2,04
Fabricação de bebidas não-alcoólicas	-1,44	3,70	-4,46
Fabricação de celulose e outras pastas para a fabricação de papel	7,38	2,44	-1,00
Fabricação de papel, cartolina e papel-cartão	4,87	-1,81	0,26
Fabricação de embalagens de papel	-1,93	0,67	1,73
Fabricação de produtos diversos de papel	-1,80	1,57	0,85
Atividade de impressão	1,44	0,24	-4,04

TRIM I = variação de Produção Física do primeiro trimestre de 2016 em relação ao quarto trimestre de 2015

TRIM II = variação de Produção Física do segundo trimestre de 2016 em relação ao primeiro trimestre de 2016

TRIM III = VARIACÃO DA Produção Física do terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre de 2016.

Dados com ajuste sazonal feito pelos autores no EViews 6.0.

Fonte: PIM-PF IBGE

Notamos que no complexo agroindústria houve, ao longo dos três trimestres e à medida que se caminha para o terceiro, uma desaceleração progressiva do processamento dos produtos da agropecuária. Tal desempenho não se deve ao varejo de consumo da população, pois o comércio de supermercados melhorou ao longo do ano, atingindo um nível em que se manteve. Atribuímos o comportamento visto na Tabela 9 à sazonalidade das exportações, que declinam e chegam a ficar com retração ao longo de 2016 nos setores *agropecuária* e *alimentos* (ver Tabela 3).

Na Tabela 10 abaixo, apresentamos o movimento mensal produtivo do complexo agroindústria no terceiro trimestre de 2016.

Tabela 10
Complexo Agroindústria
Varição de Produção Física em 2016 (%)

Setores	JUL	AGO	SET
Abate e fabricação de produtos de carne	-7,21	3,36	-2,54
Abate de reses, exceto suínos	-4,91	-1,10	-4,60
Abate de suínos, aves e outros pequenos animais	-11,12	10,44	-2,18
Fabricação de produtos de carne	-7,47	10,81	-6,66
Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais	-52,23	25,90	4,73
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	2,28	-7,03	-6,28
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	1,21	-7,76	-7,36
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	10,64	-16,90	-3,86
Fabricação de gorduras vegetais e de óleos de animais	1,42	2,76	-0,30
Laticínios	-9,18	10,77	1,84
Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais	-7,52	-0,23	-0,54
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	-5,37	-8,65	-0,27
Moagem de trigo e fabricação de derivados	-7,03	-5,85	4,20
Fabricação e refino de açúcar	24,83	-18,41	22,00
Torrefação e moagem de café	0,02	6,91	-7,26
Fabricação de produtos do pescado e de outros produtos alimentícios	-10,97	6,88	0,92
Fabricação de bebidas alcoólicas	0,16	6,52	0,12
Fabricação de bebidas não-alcoólicas	-1,67	-0,44	-1,47
Fabricação de celulose e outras pastas para a fabricação de papel	-0,54	2,45	13,16
Fabricação de papel, cartolina e papel-cartão	-3,09	1,89	1,83
Fabricação de embalagens de papel	2,35	-2,35	-1,63
Fabricação de produtos diversos de papel	-2,34	1,41	-0,86
Atividade de impressão	-19,02	20,19	-5,72

JUL = variação de Produção Física em julho de 2016 em relação a junho de 2016.

AGO = variação de Produção Física em agosto de 2016 em relação a julho de 2016.

SET= variação de Produção Física em setembro de 2016 em relação a agosto de 2016.

Dados com ajuste sazonal feito pelos autores no EViews 6.0.

Fonte: PIM-PF IBGE

Notamos na Tabela 10 que o número de subsetores que apresentam crescimento mensal de produção é praticamente o mesmo ao longo dos meses do terceiro trimestre, apesar de se notar também que eles não predominam (não são maioria), o que indica um processamento intercalado de avanços e recuos, típico de um consumo interno que ainda não está em crescimento pleno.

3.4 COMPLEXO TÊXTIL

Na Tabela 11, apresentamos o comportamento trimestral produtivo do complexo têxtil em 2016.

Tabela 11
Complexo Têxtil
Varição de Produção Física em 2016 (%)

	TRIM I	TRIM II	TRIM III
Preparação e fiação de fibras têxteis	3,20	8,85	-3,55
Tecelagem, exceto malha	6,74	2,75	2,52
Fabricação de tecidos de malha	5,80	6,88	-0,91
Fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário	1,42	1,97	-1,59
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-1,87	1,52	-0,49
Fabricação de artigos de malharia e tricotagem	-4,13	6,24	6,94
Curtimento e outras preparações de couro	6,04	-6,42	-6,71
Fabricação de calçados e de partes para calçados de qualquer material	1,31	4,58	-0,96
Fabricação de móveis	3,17	-4,61	-3,52

TRIM I = variação de Produção Física do primeiro trimestre de 2016 em relação ao quarto trimestre de 2015

TRIM II = variação de Produção Física do segundo trimestre de 2016 em relação ao primeiro trimestre de 2016

TRIM III = VARIAÇÃO DA Produção Física do terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre de 2016.

Dados com ajuste sazonal feito pelos autores no EViews 6.0.

Fonte: PIM-PF IBGE

O complexo têxtil teve um avanço produtivo na maioria de seus setores nos dois primeiros trimestres, mas apresentou uma retração também na maioria dos setores no terceiro trimestre.

Esse comportamento se deve à melhoria das vendas no varejo nos segundo e terceiro trimestres (que atingiram um piso a partir do segundo trimestre), mas apenas em parte. Na verdade, seu desempenho se deve em sua maior parte ao comportamento de seu comércio exterior. Pelo lado das exportações, as exportações de têxteis (exclusive vestuário) se expandiram bastante no primeiro trimestre, mas se retraíram ainda mais fortemente nos segundo e terceiro trimestres; as exportações de vestuário se retraíram no primeiro trimestre, mas se expandiram nos dois seguintes. Pelo lado das importações, estas aumentaram crescentemente em têxteis, mas se retraíram também crescentemente em vestuário, ao longo dos três trimestres.

Esse comportamento do comércio exterior indica que nos dois primeiros trimestres a produção interna esteve estimulada seja pelo aumento das exportações, seja pela queda das importações. O quadro é exatamente o inverso no terceiro trimestre. Isso explica o comportamento produtivo da Tabela 11.

Abaixo apresentamos a Tabela 12, que mostra o comportamento produtivo mensal ao longo do terceiro trimestre no complexo têxtil em 2016.

Na Tabela 12 vemos que o único mês em que a produção aumentou no complexo têxtil foi em agosto. O comportamento é semelhante ao complexo metalomecânico. A descontinuidade produtiva indica que a retomada ainda é frágil, tanto no nível do consumo interno quanto externo, havendo provavelmente problemas de acúmulos indesejados de estoques.

Tabela 12
Complexo Têxtil
Varição de Produção Física em 2016 (%)

Setores	JUL	AGO	SET
Preparação e fiação de fibras têxteis	-3,82	3,02	-2,00
Tecelagem, exceto malha	-0,88	2,97	-2,56
Fabricação de tecidos de malha	-11,60	3,37	-1,07
Fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário	-7,80	2,64	2,60
Confeção de artigos do vestuário e acessórios	-7,46	2,51	-1,05
Fabricação de artigos de malharia e tricotagem	-0,69	1,88	-1,93
Curtimento e outras preparações de couro	-9,99	3,86	-3,10
Fabricação de calçados e de partes para calçados de qualquer material	-12,37	5,47	-6,09
Fabricação de móveis	-9,03	9,73	-6,80

JUL = variação de Produção Física em julho de 2016 em relação a junho de 2016.

AGO = variação de Produção Física em agosto de 2016 em relação a julho de 2016.

SET= variação de Produção Física em setembro de 2016 em relação a agosto de 2016.

Dados com ajuste sazonal feito pelos autores no EVIEWS 6.0.

Fonte: PIM-PF IBGE

3.5 COMPLEXO CONSTRUÇÃO CIVIL

Na Tabela 13 abaixo, apresentamos o comportamento produtivo do complexo da construção civil nos três trimestres de 2016.

Tabela 13
Complexo Construção Civil
Varição de Produção Física em 2016 (%)

	TRIM I	TRIM II	TRIM III
Fabricação de tubos e acessórios de material plástico para uso na construção	-8,52	4,67	-4,18
Fabricação de vidro e de produtos do vidro	-0,90	4,76	-3,85
Fabricação de vidro plano e de segurança	1,88	-0,74	-0,39
Fabricação de cimento	-6,50	-0,25	-8,16
Fabricação de artefatos de concreto, cimento, fibrocimento	0,52	-1,33	-5,50
Fabricação de produtos cerâmicos	-2,37	2,23	0,90
Aparelhamento de pedras e fabricação de outros produtos de minerais não-metálicos	0,12	0,58	-7,79

TRIM I = variação de Produção Física do primeiro trimestre de 2016 em relação ao quarto trimestre de 2015

TRIM II = variação de Produção Física do segundo trimestre de 2016 em relação ao primeiro trimestre de 2016

TRIM III = VARIAÇÃO DA Produção Física do terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre de 2016.

Dados com ajuste sazonal feito pelos autores no EVIEWS 6.0.

Fonte: PIM-PF IBGE

Esse complexo não participa do comércio exterior. Do comportamento do varejo, vemos que as vendas de material da construção caíram ao longo de todos os trimestres de 2016. Assim, acreditamos que esse complexo vem paulatinamente desacelerando sua produção ao longo do ano, tendo mantido alguma atividade produtiva em avanço marginalmente e/ou em construções já iniciadas no ano passado.

Na Tabela 14 abaixo, apresentamos o desempenho mensal no terceiro trimestre do complexo construção civil.

Tabela 14
Complexo Construção Civil
Variação de Produção Física em 2016 (%)

	JUL	AGO	SET
Fabricação de tubos e acessórios de material plástico para uso na construção	-4,10	0,25	-1,79
Fabricação de vidro e de produtos do vidro	-4,14	-3,43	2,02
Fabricação de vidro plano e de segurança	-1,53	-8,89	7,01
Fabricação de cimento	2,58	-8,18	-18,03
Fabricação de artefatos de concreto, cimento, fibrocimento	-1,62	-1,98	-9,50
Fabricação de produtos cerâmicos	0,08	1,34	0,18
Aparelhamento de pedras e fabricação de outros produtos de minerais não-metálicos	-8,61	-0,18	-2,11

JUL = variação de Produção Física em julho de 2016 em relação a junho de 2016.

AGO = variação de Produção Física em agosto de 2016 em relação a julho de 2016.

SET= variação de Produção Física em setembro de 2016 em relação a agosto de 2016.

Dados com ajuste sazonal feito pelos autores no EViews 6.0.

Fonte: PIM-PF IBGE

Notamos na Tabela acima, retrações setoriais na maioria dos setores, durante os três trimestres. Há uma melhoria em alguns setores de acabamento em setembro, mas nenhuma indicação de novas construções.

4. CONCLUSÃO

Mostramos, ao longo da argumentação acima, que há um movimento ainda oscilante de perda de força na retração das vendas do varejo total e na maioria de seus setores, e que o comércio exterior vem perdendo capacidade de estimular a recuperação da produção industrial externa em 2016.

Os complexos industriais que vêm sendo menos afetados negativamente pelos movimentos citados no parágrafo anterior são o metalomecânico e o químico. O primeiro se constitui atualmente no cerne mais resistente de aumento da produção industrial brasileira, apesar de o segundo também cumprir muito bem o papel de fornecedor universal de insumos à indústria.

Acreditamos que tanto a demanda interna quanto a externa são hoje importantes para a retomada do crescimento industrial. Entretanto, fica-nos a dúvida (porque não é do escopo desta Nota Técnica) sobre a velocidade futura de recuperação de cada uma dessas demandas. A única certeza é que as duas juntas hoje são indispensáveis à retomada do crescimento.

O quadro atual na indústria é de ter atingido um piso de sua retração, com recuos de muita menor dimensão que os de 2015 e avanços já fora de uma ou outra exceção setorial.